

# LINGUASAGEM

## MEMES E (RE)FORMULAÇÃO: AFASTAMENTOS E APROXIMAÇÕES DISCURSIVAS

Gustavo Haiden de LACERDA<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo discute o conceito de formulação e suas versões possíveis em uma série de memes produzidos de recortes de títulos de notícias de vários jornais online, bem como o funcionamento discursivo de tais textos verbo-imagéticos, dando visibilidade à contradição discursiva. A partir da mobilização de conceitos da Análise de Discurso francesa, o estudo propõe um gesto de leitura dos memes selecionados em batimento com o discurso jornalístico que os atravessa. O percurso analítico empreendido aponta para o embate de posições discursivas dentro do que nomeamos jornalismo hegemônico e alternativo, em meio a deslizamentos de sentido entre as fronteiras de tais formações discursivas que jogam com os efeitos de verdade e referencialidade, na unidade textual.

**Palavras-chave:** reformulação; memes; instituição jornalística; deslizamentos de sentido.

### ABSTRACT

This paper discusses the concept of formulation and its possible versions in a series of memes produced from news' titles' cutouts from different online newspapers, as well as the discursive functioning of such verbal-imagistic texts, offering visibility to the discursive contradiction. From the mobilization of concepts in the Analysis of discourse, this study proposes a reading gesture of the selected memes aligned with the journalistic discourse that intersects them. This analytical path points out to the confront of discursive positions inside of what we call hegemonic and alternative journalism, amidst splits of meaning among the borders of such discursive formations which play with effects of truth and referentiality, in the textual unit.

**Keywords:** reformulation; memes; journalistic institution; slips of meaning.

### GESTOS INICIAIS

O termo “meme” pode não fazer sentido para um sujeito pouco inserido nos ambientes digitais; mas basta um contato breve com as redes sociais, por exemplo, para esbarrarmos o olhar sobre essa materialidade significativa. Memes são imagens, vídeos,

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação em Letras – Português/Inglês da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gustavo.haiden@gmail.com

frases, fotos, que são compartilhados profusamente na internet, em velocidade diretamente proporcional à contínua produção textual dos mesmos, frequentemente em tom irônico/cômico.

Situados em uma sociedade informacional, estruturada pelo consumo (MATTELART e MATTELART, 2012), notamos uma crescente instauração de novas formulações simbólicas por meio de diferentes materialidades, possibilitadas pelo aparato técnico das novas mídias. Novos espaços que abrem oportunidades para que vozes até então silenciadas ou que pouco circulavam possam marcar suas posições-sujeito; e isso requer novas formas de praticar linguagem, o que conduz à formulação de memes.

A origem do termo *meme* encontra-se na obra *O gene egoísta*, de autoria de Richard Dawkins (2001), que resgata da palavra grega “mimeme” a noção de imitação, replicação. Segundo o autor, a cultura estrutura-se de maneira similar à biologia dos seres vivos, pois, para ele, assim como a genética é sustentada por uma unidade de transmissão – o gene – a cultura também seria transmitida por unidades: os memes.

[...] um ‘meme de idéia’ pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. O meme da teoria de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da ideia de que é compartilhado por todos os cérebros que a compreendem (DAWKINGS, 2001, p. 217-218).

Avançando nos estudos dos memes, agora na área dos estudos da comunicação, Limor Shifman (2013) apresenta interessantes considerações a respeito do assunto. A autora coloca que a internet nos possibilitou novas formas de comunicação que permitem que determinado conteúdo, uma vez compartilhado, possa repercutir vigorosamente em rede, tendo o meme como exemplo claro disso. Shifman (2013) afirma que os memes apresentam características de forma e conteúdo que nos permitem reconhecê-los:

[...] (a) um grupo de itens digitais compartilhando características de conteúdo, forma e/ou postura em comum, (b) e que foram criados antes uns dos outros, (c) e são circulados, imitados, e/ou transformados por meio da internet por diversos usuários (SHIFMAN, 2013, p. 41).

Entretanto, uma vez que nos situamos no campo teórico e metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, divergimos da visão dos estudos culturais e não

nos limitamos a um entendimento comunicacional; compreendemos, sim, o meme como *texto*, entendido como *fato* linguístico-histórico, pensado na sua relação com a história e a ideologia, de tal modo que não se fecha sobre si mesmo, mas, ao contrário, é aberto, lacunar, sujeito à falha da língua inscrita na história (ORLANDI, 2008a). O texto, portanto, é tomado como unidade imaginária, dando um contorno material ao discurso. O meme é texto porque é fato social de linguagem, possibilidade de praticar linguagem na Internet.

A partir disso, nossa proposta, no presente artigo, é observar as relações de sentido em formulações e versões possíveis de memes que se apresentam em intertextualidade com textos do discurso jornalístico, mais especificamente as relações de (re)formulação daqueles para com este. Dessa forma, selecionamos uma série de memes que circulam na página do *Facebook* “Caneta desmanipuladora”<sup>2</sup>. Esta página serve-se de títulos e/ou manchetes de notícias produzidas por jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estadão*, para, de certa forma, “corrigi-los”, o que se relaciona à produção/formulação de novas versões. O termo “correção” cabe aqui devido aos recursos que os mantenedores da página utilizam para reescrever os textos jornalísticos. Percebemos, portanto, que esses memes se tratam de (re)formulações, e este é um dos aspectos para nos depreendermos em análise.

Para tal, o procedimento analítico visa a analisar os memes selecionados a partir do escopo teórico e metodológico da Análise de Discurso, seja observando, por meio da leitura, a relação da língua com a ideologia, seja colocando em destaque as relações do sujeito e do sentido com a história, na tentativa de restituir à língua(gem) sua historicidade. Assim, os conceitos movimentados pela leitura dos textos mêmicos apresentados abaixo serão relacionados aos diferentes textos, percebendo suas semelhanças e diferenças e as consequências disso na análise.



Figura 1

<sup>2</sup> Imagens retiradas de <<https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora>>. Acesso em: 10/08/2018.



Figura 2



Figura 3



Figura 4

## DAS BASES TEÓRICAS

Algumas palavras são requeridas acerca dos postulados teóricos envolvidos nas análises que seguem, mais precisamente alguns conceitos centrais dentro do quadro teórico da Análise de Discurso (AD) de matriz pecheuxtiana. Em um trabalho discursivo, entendemos que a leitura se produz enquanto *gesto de interpretação*, pois não há sentido sem o trabalho interpretante sobre o mundo. Uma vez que a

“interpretação tem uma relação fundamental com a materialidade da linguagem, as diferentes linguagens significam diferentemente: são assim distintos gestos de interpretação que constituem a relação com o sentido nas diferentes linguagens” (ORLANDI, 2005, p. 19).

Desse modo, ao pensarmos os modos de ler determinados pelas condições de produção do discurso digital, é necessário entender que a leitura não é indiferente à materialidade do discurso. Como defende Coracini (2005), *ler* é uma questão de olhar, o que implica que a leitura acontece sob a “perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não” (CORACINI, 2005, p. 19). Mas não só. O olhar do leitor, defronte do texto verbo-imagético, conforme compreendemos os memes, não lê necessariamente na linearidade, mas de maneira transversa, multidirecional, ainda mais nos memes em questão, em que ocorre a sobreposição de enunciados. O olhar do leitor, produzindo determinado efeito de leitura, determina a sua interpretação.

[...] esse olhar pode ser direto, atravessado ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social no qual se insere: momento e espaço (lugar), suas expectativas, que alguns denominam projeto, intenção ou objetivo (CORACINI, 2009, p. 19).

Distintas formas de leitura são demandadas a depender da realização material do texto. Em vista disso, não podemos estacionar em uma compreensão de discurso que se limite à palavra escrita. Lagazzi (2011) vem em nosso auxílio reconfigurando o trabalho analítico em AD, alargando seu escopo, ao definir as “materialidades significantes”, que são os modos pelos quais os sentidos ganham corpo na formulação. Cada materialidade significativa possui suas especificidades, não como imbricação complementar, mas contraditória, sendo a articulação entre elas o que garantiria o efeito de “todo”. No presente artigo, analisaremos não a dicotomia verbal/não verbal, mas as relações de textualidade das diferentes materialidades em composição.

Importam as palavras usadas assim como a sintaxe do texto, no caso da materialidade verbal. Importam as imagens em seus vários elementos constitutivos, tais como as cores, a relação luz e sombra, a perspectiva, os traços no caso da materialidade visual (LAGAZZI, 2011, p. 499).

Nessa mesma direção, afirmamos que o aparato digital é precisamente o que possibilita a formulação dos memes, especialmente aqueles aplicativos<sup>3</sup> que permitem a edição de imagens. O que percebemos a partir disso é que até mesmo o texto verbal, a palavra, ganha (é restituído de) um aspecto também imagético: na escrita digital, em contato com a tela e não com a página impressa, a palavra assume caráter de grafia, isto é, pode ser entendida como uma representação de imagens também. Barthes e Mauriès (1987), ao tratarem da escrita, argumentam, até mesmo, que a palavra é, primordialmente, traço gráfico, *representação visual*, e explicam-na como

o resultado material de um gesto físico que consiste em traçar, regularmente, signos, seja usando a mão, seja (atualmente) de forma mecânica; é, a seguir, um tipo de comunicação visual, silencioso e estável (BARTHES E MAURIÈS, 1987, p. 146).

Assumindo um discurso afetado também pela relação com o não-verbal, podemos considerar o “meme” como objeto textual possível para uma análise discursiva. Dessa forma, em termos de *formulação*, ou seja, de “textualização dos sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 193), importa a relação verbo-visual. Entretanto, ainda em consonância com Orlandi (2005), há outros dois níveis de produção dos sentidos que precisam ser levados em conta: a *constituição* e a *circulação*.

Falar da *constituição* (memória) dos sentidos é o mesmo que afirmar que para dizer algo é preciso estar situado no “dizível”, isto é, reconhecer um já-dito (antes) que sustenta o dito (agora). Como eixo interdiscursivo, a constituição caracteriza-se como a exterioridade constitutiva do discurso, determinando possibilidades de sentido e de sujeito. Ainda segundo Orlandi (1999, p. 33),

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos.

Por sua vez, a *circulação* representa “os trajetos do dizeres” (ORLANDI, 2005, p. 11), instância em que os sentidos são como se mostram. Na relação determinada pela discursividade digital, a circulação ganha ainda mais evidência, porque só há

---

<sup>3</sup> Vale destacar que os aplicativos de edição de imagem, além de vários, são de fácil acesso e uso aos sujeitos-usuários da internet, devido ao layout simples e ao pouco conhecimento de edição necessário para o funcionamento/uso adequado.

possibilidade de estar em rede “permitindo-se” circular por ela. Em outras palavras, somente assujeitando-se às formas de circulação previstas pela técnica digital é que o sujeito pode fazer parte das redes sociais virtuais.

Com base no que explicamos nesta seção é que podemos compreender os textos que submeteremos às análises como *memes*, devido ao fato de *circularem* em rede como tal. Em acordo com Orlandi (2005), a *circulação* é um dos momentos cruciais de produção dos sentidos. Para nós, a materialidade específica do meme se constitui pela maneira com que *circula* nas redes. O “meme” não apresenta características pré-determinadas de formulação (no nível da textualidade), mas assume-se enquanto tal pelos modos de sua *circulação*, produzindo sentido para os usuários segundo suas postagens, compartilhamentos, comentários etc.

No caso específico do grupo de memes selecionados para análise, lidamos ainda com uma forma específica, que assume um dizer do outro sem apagá-lo, redirecionando os sentidos a partir de outras posições no discurso. Assim, propomos estarmos diante de *reformulações*, precisamente por esses memes tomaram textos oriundos da esfera jornalísticas para ressignificá-los, em função de uma leitura *outra* (gesto interpretativo), para fazê-los circular dentro de outras condições de produção.

## UM BREVE DISCURSO SOBRE A INSTITUIÇÃO JORNALÍSTICA

Inserimos aqui um sucinto esclarecimento das condições de produção dos memes que vamos analisar. Nos textos mêmicos que trazemos aqui, fica evidente a relação estabelecida com o discurso da imprensa. Nosso trabalho, sob a perspectiva da AD, busca justamente questionar essa evidência, no intuito de compreender como a discursividade da instituição jornalística, ainda que retomada, está funcionando em outras condições nos memes em questão.

Um discurso institucional é aquele que se torna (é tornado) legítimo, na medida em que se constitui também na relação com o interdiscurso, o “sempre-já-lá”, o “como já se sabe”, como efeito do pré-construído, entendido enquanto elemento prévio, esquecido em sua origem, mas que funciona no dizer (ORLANDI, 2005). Dessa maneira, é a evidência de um sentido já estabilizado (PÊCHEUX, 1995) de que é preciso informar (pré-construído) que sustenta o funcionamento do discurso jornalístico. Funcionamento que precisa ser pensado também na própria possibilidade de a linguagem falhar, abrir espaços para o equívoco. Se a historicidade é constitutiva da

possibilidade de (fazer) sentidos, pois a língua significa pela sua inscrição na história, os sentidos também se abrem para o deslize.

Assim, em nosso gesto analítico, buscamos compreender a produção de sentidos nos/pelos memes na tensão entre as estabilizações reafirmadas pela instituição jornalística, que naturaliza sentidos, ao longo do processo histórico, no qual a ideologia toma parte, apagando o rastro da discursivização, de maneira a tornar evidente a institucionalização da imprensa (MARIANI, 1999) e a polissemia constitutiva da linguagem. Conforme Mariani (1999, p. 47), precisamos considerar “a historicidade do processo de constituição da própria instituição, ou seja, o modo como a instituição, ao se constituir como tal, discursivizou-se”. Assim, podemos afirmar que o jornal não é mero “veículo de informação”, mas um elemento efetivo na produção de uma realidade que trabalha nos efeitos de informatividade e objetividade do discurso jornalístico.

Além disso, apoiando-nos também em Mariani (1999), a atividade jornalística, em seu compromisso com a informação “verdadeira”, é perpassada por diferentes formas de controle, sustentadas por leis (de quem?) que determinam as regras de informar. Dessa forma, a constituição do discurso jornalístico encontra-se na intervenção pela censura, regulando o que pode ou não ser dito em uma dada situação. Há certos discursos que não podem/devem ser ditos, sendo necessário silenciá-los. De acordo com Orlandi (2005), o silêncio local, a censura, tem a ver com a interdição no discurso do outro, uma proibição de sentidos (conforme será possível observarmos nos memes em análise como prática também de resistência), que, assim como o silêncio constitutivo – aquele pelo qual todo dizer apaga outras palavras – é uma prática (da) política do silêncio.

Ao refletirmos sobre a instituição jornalística no âmbito digital, de sua migração do papel para a tela, notamos, novamente, o funcionamento da história sobre a instituição, pelo fato de permitir o movimento, a mudança. Na Internet, a mídia jornalística se coloca na necessidade de praticar outras e múltiplas formas de linguagem e, assim, novas formas de engendrar seu(s) discurso(s). O modo com que se fala, o lugar de que se fala, o suporte a partir do qual se fala não são indiferentes aos sentidos; pelo contrário, os diferentes modos de dizer implicam diferentes relações com/de os sentidos (ORLANDI, 1999). Isto é, colocam em causa seus modos de constituição, formulação e circulação.

Uma vez que a internet faz parte das condições de produção do jornalismo atual, em prol da “comunicação em tempo real”, ela faz saturar o efeito de comunicação. Essa

prática “comunicacional” também sugere a abertura de espaço para dialogar com o leitor, pela bandeira da interatividade, assistida pelos recursos técnicos de comentários e caixas de diálogo, como forma de viabilizar a interação (MATTELART e MATTELART, 2012). Porém, o diálogo pode aparecer de forma conflitante, visto que o sujeito-leitor, ao não se identificar com o discurso mobilizado por determinada notícia, pode formular seu texto como resposta, como é o caso dos memes que analisaremos a seguir. Dito de outro modo, o sujeito não apenas posiciona-se diante do discurso do outro, como também *lança mão* diretamente da formulação dos textos jornalísticos para, a partir da reformulação, construir uma outra versão, na tensão entre repetição e deslocamento.

### GESTOS ANALÍTICOS: MEMES EM (RE)FORMULAÇÃO

Tendo construído um discurso acerca da instituição jornalística, bem como afirmado as bases que sustentam nosso gesto de leitura, entramos na análise propriamente dita dos memes selecionados. Ligando-os ao discurso jornalístico, refletimos sobre o par formulação/reformulação, enquanto textualização de embates de distintas posições no discurso.

Como gesto inicial de análise, são necessárias algumas considerações sobre as *materialidades significantes* (LAGAZZI, 2011) em formulação nesses memes. Essas materialidades são reconhecidas em uma primeira instância logo no contato (leitura) visual com o texto, sendo elas: i) texto primeiro, escrito pelo jornal; ii) rasura; iii) enunciado de correção em cor contrária à do texto original (não que a leitura aconteceria de forma isolada entre as partes). Em imbricação, esses distintos elementos materiais compõem a formulação do memes.

Na figura 1, por exemplo, o nome da sessão do jornal – *Eleições 2016/Eleição em números* – é rasurado e reescrito pelo autor do meme, tornando-se “Golpe 2016” e “Golpe em números”. Considerando o eixo do intradiscursos, isto é, da formulação, ocorre a troca/substituição do termo “eleição” por “golpe”, o que produz uma mudança semântica entre os enunciados. Entretanto, a nível interdiscursivo, percebemos um deslize de sentidos (de eleição para golpe como eventos políticos) em consequência de um conflito/divisão de sentidos entre posições relacionadas ao que nomeamos jornalismo hegemônico e jornalismo alternativo.

Com efeito, a substituição de “eleição” por “golpe” nos leva a pensar na transferência de sentido em meio às fronteiras de formações discursivas, remetendo o discurso a uma memória que o constitui. Assim, o sentido migra para uma posição que nega a possibilidade de chegada ao poder de forma (in)direta e assume-se contrária ao evento em questão, quando do impeachment da presidente Dilma Roussef e da posse de Michel Temer. Contesta-se, por meio da palavra “golpe”, a juridicidade das ações desempenhadas sobre a presidente Dilma e a legitimidade da posse de Temer. A memória de golpe, em contexto nacional, retoma “Golpe Militar” ou “Golpe de 1964”, em que o país sofreu a imposição de uma ditadura militar durante vinte e um anos, marcada por opressão e censura, em que inclusive o direito democrático ao voto (eleições diretas) foi suspenso. Ao retomar os dizeres de “golpe”, convoca-se também a memória da repressão, a respeito da qual o autor do meme se posiciona. Nessa perspectiva, conforme Pêcheux (1995), comprovamos que

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’... mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão colocadas em jogo no processo socio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Novamente, é preciso dar consequência à produção da leitura, levando-se em conta as relações interdiscursivas que esses memes reverberam. Primeiramente, eles são atravessados pelo discurso jornalístico, na base mesma de sua constituição e formulação, conforme já comentamos. Essa relação com uma dada formulação de um jornalismo tido como hegemônico mobiliza um jogo da memória acerca do efeito-informação, que resulta nas ilusões de referencialidade (linguagem como instrumento de comunicação; ilusão de literalidade) e neutralidade da notícia (sem marcar posicionamento; imparcialidade). Entende-se referencialidade como a relação direta entre realidade e linguagem, em que esta representaria aquela. Alicerçando nossas palavras em Pêcheux (1995), no que toca as ilusões do sujeito de linguagem (a ilusão de que o sujeito é a fonte de seu discurso e de que o sentido é transparente), compreendemos a referencialidade como o efeito da evidência do sentido, em que se nega a possibilidade de o sentido ser outro. Sendo assim, concordamos também com Mattelart e Mattelart (2012) ao asseverar que, embora a sociedade de informação faça circular a (livre) informação, priva o sujeito de suas atividades de interpretação.

Para justificar esse posicionamento, voltemos ao texto 1, para o título da matéria. Notamos que a palavra “aprovação” foi rasurada para o acréscimo do prefixo “re”, no sentido de “desaprovação”. Fala-se de outra posição. O termo “aprovação” reivindica sentidos positivos, que, no caso de consulta política, têm a ver com a percepção e opinião dos eleitores a respeito de determinado candidato ou governante. “Reprovação”, por sua vez, marca um posicionamento de contrariedade, que deve ser compreendido, inclusive, como a posição-sujeito que se estabelece na leitura do título, posição filiada a uma formação discursiva de rejeição ao governo em vigor (questionando sua validade, legitimidade junto ao povo). Restitui-se ao sentido sua historicidade, desfazendo a evidência da neutralidade jornalística, em um trabalho contra (que resiste a) o autorizado, a publicação “oficial”. Esse meme marca uma posição de réplica, de confronto, de re-publicação, agora via mídias sociais, em teoria mais afastadas do “compromisso jornalístico”.

Ademais, o meme indica uma outra tomada de posição em que a pauta da notícia deve deslizar de “aprovação” para “reprovação”, dando consequência ao fato de que o sentido pode ser outro. Assim, a própria informação numérica tem de ser reajustada: não mais os dados 8% a 19% de aprovação são salientados, mas a perspectiva inversa, ou seja, 81% a 92% de desaprovação (números expressivos em termos de percentual relativo à grande maioria da população). Aos dados numéricos é conferido um *status* de factualidade, verdade, e, portanto, de estabilidade dos sentidos, em que ocorreria a proibição da interpretação, como necessidade da informação jornalística sustentar-se no efeito de evidência literal do dado numérico, necessidade da qual o meme tira proveito.

Em segundo lugar, é necessário *localizar* a discursividade desse grupo de memes, isto é, reconhecer que a possibilidade mesma do modo de formulação e circulação desses textos é o fato de se “*localizarem*” no digital. Mediante os aparatos técnicos e de interação promovidos pela internet, o sujeito, ao praticar linguagem no digital, serve-se desses elementos para formular o texto. Por exemplo, os editores de imagens, fornecidos, inclusive, nos próprios aparelhos celulares, que oferecem aos sujeitos-usuários dessas ferramentas os meios materiais para construir o texto. Como salienta Dias (2016, p.173),

[...] materialidade digital é o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo *meio material* (aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.). Podemos dizer, a partir

das análises apresentadas anteriormente, que a materialidade digital inclui tanto o *meio material* que, por sua vez, reúne de modo constitutivo as tecnologias do urbano às tecnologias digitais, quanto a forma material, que, por seu lado, reúne língua e história.

A fim de esclarecer isso, tomemos o texto da figura 3. A notícia da *Folha de São Paulo* trata da influência da religião sobre os eleitores em decisões políticas/eleitorais. Neste caso, diferentemente dos demais memes, não há uma linha de rasura sobre o enunciado do jornal; há, sim, um símbolo de proibição, em vermelho, sobre a palavra “só”. O sinal de proibição é mobilizado no interior do interdiscurso, resgatando a história da negação, do impedimento, e que, na qualidade de símbolo, não pertenceria à linguagem verbal. Dessa forma, situado no digital, a forma material (linguístico-histórica) do ícone, presente no texto mêmico, é possível pela técnica do *meio material* (DIAS, 2016) do digital, nesse caso, pela inserção de imagens sobrepostas às outras, via aplicativos de edição. Como afirmamos, nos memes, pelo aparato digital, a circulação digital é uma instância central na produção dos sentidos.

Em relação à formulação, os memes selecionados (em geral) são recortes de títulos de notícias publicadas por jornais *online*, e sobre esses recortes (já o texto-outro) são feitas as intervenções nas imagens. No caso específico do texto 3, sobre o recorte do título (“Voto religioso só guia 2 entre 10 brasileiros, diz Datafolha”), ao acrescentar o sinal de proibição sobre o advérbio de intensidade (amenizador) “só”, o autor marca sua posição em relação ao discurso do outro e, portanto, do seu próprio. A nova versão, nos termos de Orlandi (2008b), nos leva a pensar, em sintonia com a autora, que “todo sítio de significação é passível de ser trabalhado por muitas formulações (versões)”. Tal versão, em termos de (re)formulação, evidencia a mobilização do recurso linguístico-discursivo do uso de modalizadores, o que implica a devolução da historicidade ao texto, restituindo sua opacidade pela relação ausência/presença que significa no texto.

Retomando o que apresentamos em seção anterior, não podemos ignorar a relação significativa verbal/não-verbal (LAGAZZI, 2011), considerando também os meios materiais digitais (DIAS, 2016). Assim, detendo a atenção sobre as rasuras presentes nos memes em questão, propomos que rasurar é um gesto de apagamento/sugestão de mudança, que retoma a memória da correção, presente, por exemplo, na escola, em que o traço sobre um enunciado anularia/deslocaria seus sentidos, para que outro enunciado, com outros sentidos (tomados como verdadeiros, corretos), tome espaço. As rasuras são possíveis, nesses casos, pelo fato de, ao recortar

um texto, restituir a ele seu aspecto imagético (BARTHES e MAURIÈS, 1987), para então traçar sobre os títulos as linhas de censura, processo mediado pelos recursos materiais digitais. Além disso, a rasura, nesses casos, não recobre completamente os enunciados riscados, ao contrário, permite a leitura do que está abaixo, de modo que o confronto das posições discursivas sustentadas é evidenciado, o que significa também a demarcação da interpretação, via comparação, permitindo a relação (conflitante) dos sentidos.

Sendo assim, as rasuras sobre o texto do jornal marcam a possibilidade de encarar o texto verbal de modo “imagético”, e, dessa forma, atuar sobre ele com os recursos de edição de imagens, desestabilizando as redes de sentido que o contituem. Isso conduz à compreensão da imbricação verbal e não verbal, em suas relações contraditórias (LAGAZZI, 2011). Como colocado por Orlandi (1995), há uma sobredeterminação histórica do não-verbal pelo verbal, que interfere na produção da leitura e da interpretação, mediando a leitura de diferentes materialidades, como se fosse possível reduzi-las ao verbal. A autora, ao tratar das diferenças entre as formas de significação das materialidades, afirma que existe

uma necessidade do sentido que só significa pelo silêncio, e não por palavras. Pois bem, há uma necessidade no sentido, em sua materialidade, que só significa, por exemplo, na música, ou na pintura etc. Não se é músico, pintor, literato, indiferentemente. São diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem (ORLANDI, 1995, p. 39).

Na reflexão que estamos fazendo sobre essa série de memes, talvez possamos dizer que os elementos imagéticos, enquanto recursos visuais, tais como rasuras, cores, formas, recortes de palavras, entre outros, circunscrevem o verbal, dando-lhe contornos e direcionamentos. Nessa perspectiva, o não-verbal componente dos memes em questão determina também o texto verbal. A imbricação verbal/não-verbal, nesses casos, tende a ser conflituosa: a imagem requerendo seu espaço próprio no convívio/embate com a palavra escrita, resistindo. Compreendemos esse aspecto, inclusive, como causa e/ou consequência da formulação dos memes selecionados, permitindo a “des-sacralização” não somente da palavra, em sentido amplo, como também da palavra da/na instituição jornalística.

A página que produz esses textos mêmicos chama-se “Caneta desmanipuladora”; ora, colocar-se na posição de “desmanipulação” é, ao mesmo tempo, colocar o outro no lugar de manipulador, de tal forma que, na medida em que devolve ao sentido sua historicidade, por meio da interpretação, acaba por ignorar o fato de que toda formulação é uma versão dos fatos (ORLANDI, 2005), uma vez que esses fatos reclamam sentidos, que, por sua vez, são construídos no simbólico. Ou seja, o acesso que temos a eles é determinado pela linguagem.

O convívio dos sentidos existe na contradição. No movimento de dar corpo materialmente a uma correção/reformulação no nível do texto, o meme é tomado pela ilusão de produzir um dado efeito-verdade. Há o fato, a necessidade de significá-lo socialmente e a disputa pelo sentido “verdadeiro” (ORLANDI, 2005). Nesse sentido, observamos também que a intervenção dos memes sobre as notícias acontece apenas sobre o título, no máximo em alguns elementos mais próximos, o que nos leva a compreender que o recorte de enfoque no título, dando visibilidade àquilo que é inicial/central, deixa à margem o corpo do texto, o que equivale a dizer que é formulado de um ponto parcial, em outras palavras, joga também com invisibilidades.

Avançamos em direção a um ponto (crítico) desta análise: a formulação dos memes na relação com os textos jornalísticos sobre os quais se formulam. Como adiantamos, os textos mêmicos escolhidos são entendidos como *reformulação* diante do texto do outro. Nessa medida, ocorre a intervenção no texto/discurso outro, em que as diferentes interpretações são vistas como as “tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (PÊCHEUX, 1990, p. 57). E não só: ao negar a fala do outro (rasuras, enunciados sobrepostos), destaca-se dele, rejeitando seu(s) sentido(s), assumindo outra posição.

À luz do exposto, é produtivo pensar o papel da interpretação diante do texto dos jornais e dos discursos ali movimentados, na medida em que a leitura vai conduzir de volta à formulação (agora, dos memes). Segundo Orlandi (2005), não existe sentido sem interpretação, isto é, na injunção a interpretar, que é condicionada pela inscrição da língua na histórica, abrindo-a ao equívoco. É justamente o equívoco, a falha, que possibilitam que o sentido “torne-se outro” (o que para a autora é a condição necessária da leitura). A interpretação, que é gesto de significação, configura-se também como gesto político, ou seja, todo dizer tem uma direção determinada pela articulação material dos signos com as relações de poder (confronto entre o simbólico e o político), o que

significa também que está exposto à determinação das instituições. Os sentidos são disputados.

A abertura do texto permite que sejam feitas leituras múltiplas, construindo sentidos plurais. Nesse embate, a interpretação abre espaço para dizer sobre o que foi dito, dizer de novo, um dizer-outro (ORLANDI, 2005), o que encaminha à nova reformulação (memes): o leitor assume, agora, a função de autor. Assumindo a interpretação, efetiva-se também a autoria de sua leitura e produz novo texto. Reescrever, enquanto reformular, é retomar outros textos e outros discursos, mobilizar diferentes memórias e assumir outras posições.

Sobre isso, voltemos o olhar sobre a figura 4, baseado no título da notícia do *Estadão* (“Nova Reforma da Previdência afetaria só 35% dos trabalhadores”). A notícia trata da mudança de leis a respeito da Previdência e o impacto que teriam sobre a população de trabalhadores. No texto em questão, a (re)formulação acontece no traço em vermelho sobre o advérbio “só” e pelo acréscimo do sinal de pontuação exclamativo. Não nos prenderemos quanto à retirada da palavra “só” e seus efeitos de sentido, visto que já discutimos um pouco sobre essa recorrência ao analisar o texto da figura 3; cabe, sim, uma atenção particular ao ponto de exclamação inserido no final do título.

Primeiramente, vale dizer que o sinal exclamativo é utilizado, geralmente, para tentar indicar, no plano do texto, sensações (emoção, espanto, animação, susto etc.), ou seja, é um recurso linguístico-discursivo que se arrisca a resgatar, pelo verbal, um elemento da sensibilidade humana. Em segundo lugar, não é frequente o uso dessa pontuação em textos jornalísticos, uma vez que eles não “deveriam”, sob um efeito de evidência, marcar posicionamentos (neutralidade), conforme discutido na seção anterior. Além disso, o emprego do ponto de exclamação permite compreender o efeito de interpretação sobre o texto primeiro, espaço de subjetividade, como efeito-reação de indignação, espanto, que vem preencher a ausência do modalizador “só”: não somente retira-se o advérbio de modo, como se marca uma posição de resistência, construindo novos sentidos. Conforme Orlandi (2005, p.110), a pontuação deve ser entendida como algo além do nível gramatical, ou seja, também “como lugar em que o sujeito trabalha seus pontos de subjetivação, o modo como ele interpreta. O que faz presente a questão do político e da ideologia”.

Portanto, o jogo material nos textos mêmicos em questão se dá por meio da tensão entre a retirada e/ou acréscimo de letras, sílabas, palavras, símbolos gráficos etc.,

gesto que não é aleatório ou inconsequente, mas que aponta para os vestígios na organização textual (formulação) da ordem do discurso, o que nos permite ver a linguagem como campo de embates (políticos), em que as políticas do dizer encontram-se materializadas. Nos termos de Orlandi (1999, p. 60),

Os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes.

Convém considerar justamente a contradição no funcionamento discursivo no meme em que uma “caneta desmanipuladora” ora precisa acrescentar, ora precisa extrair partes do texto-fonte para que se produza um efeito contra a “manipulação”. Na tensão presença/ausência ou destaque/apagamento, *desmanipular*, discursivamente, é produzir um efeito de tirar o véu da ocultação, desmascarando a “verdade”, ou mesmo acrescentar algo ao que falta (verdade). Assim sendo, nos dois funcionamentos em tela, de modo imaginário, se produz justamente a produção de um efeito “verdade” ao sujeito-leitor que o “salva” da “manipulação”. Essa verdade-outra que se instaura com base no funcionamento da caneta desmanipuladora pode ser vista como uma tomada de posição frente ao acontecimento, isto é, um outro modo de significar também possível e não necessariamente uma verdade tida como única e absoluta. O apagamento do caráter material do sentido ou mesmo de que as palavras se inscrevem em formações discursivas para terem sentido é parte do outro lado da moeda de um jornalismo alternativo que também é pego na evidência de trazer “a verdade” à tona.

Caminhando para o fecho deste ponto de escuta acerca dos memes analisados, faz-se necessário observar as relações parafrásticas e polissêmicas que constituem esses textos. Segundo Orlandi (1999), paráfrase e polissemia são as condições de existência da linguagem, em que, na tensão entre o mesmo e o diferente, o sujeito e o sentido de movimentam para significar; em outras palavras, é necessário o já-dito, como possibilidade mesma de praticar linguagem, ao passo que não basta repetir os mesmos sentidos, mas também abrir caminhos para o novo, o sentido-outro.

Ao analisarmos a figura 2, por exemplo, deparamo-nos justamente com o movimento dos sentidos assegurados pela tensão paráfrase-polissemia. Antes disso, vale notar que este meme possui algumas diferenças específicas em relação aos demais, no que tange à textualidade. Primeiro, o traço realizado, diferente dos outros, é feito à mão

livre, por meio de ferramentas do tipo “caneta”, de modo que pode vir a sair torto, não-simétrico. Uma rasura mais ríspida e inconsequente. Segundo, ainda em distinção ao restante da série analisada, no texto 2, o título é riscado por inteiro, como se nada “se salvasse” dali, de maneira a ser atribuído outro título à notícia.

A partir disso (da re-formulação do título todo), assumindo sua função de autoria pela produção da leitura e do novo texto, resiste-se de tal maneira à formação ideológica ali “traduzida” que é impelido a renomear a notícia: não mais “Passionalismo, a nova doença urbana”, mas, sim, “Machismo, a velha cultura de violência contra a mulher”. Ao se filiar a outra formação discursiva, assumindo outra posição-sujeito, há a necessidade de formular novas palavras, não por elas mesmas, mas pela posição em que elas são inscritas.

Notamos esse efeito de deslize, por exemplo, na troca do tópico entre os enunciados, o que implica a demarcação de uma posição assumida e não negada, pelo jogo parafrástico. Enquanto “passionalismo” mobiliza uma posição discursiva marcada pela ausência de alvo, de alguma forma vago, “machismo” localiza politicamente o enunciado em uma formação discursiva feminista. Isso conduz o olhar a notar como o imaginário de “doença” acarreta certa passividade frente a um problema biológico, mas que, ao ser substituído por “cultura”, resgata um sentido evidente que se sustenta na determinação histórica e social dos abusos sofridos por mulheres. Desloca-se do domínio do indivíduo para o domínio social/cultural, definido sem ser nomeado como machista. Ademais, o deslizamento de “nova” para “velha” reforça a perspectiva de que o problema do machismo, além de ser reconhecido como social, não vem de hoje, ao contrário, tem sido insistido e retomado ao longo da história.

## GESTO DE FECHAMENTO

Este breve trajeto analítico permitiu-nos observar o funcionamento discursivo de uma série de memes formulados a partir de recortes de títulos de notícias de jornais online, por meio de *reformulação*. Isso nos mobilizou em um delinear do domínio discursivo da instituição jornalística, na medida em que deste foi recortado o texto primeiro sobre o qual os memes tomaram corpo ((re)formularam-se). Nesse percurso, coube refletir acerca do trabalho da atividade jornalística em torno das ilusões de referencialidade e neutralidade, o que resulta em um “efeito-verdade” que credita à mídia jornalística seu estatuto de “fonte de informações”.

Diante disso, na necessidade de dar corpo a sentidos outros daqueles movimentados pelos jornais, os memes analisados, localizados em uma posição discursiva distinta, mobilizaram outras formações discursivas, o que resultou na abertura a novos domínios discursivos, a sentidos polissêmicos, em que a resistência a determinados sentidos torna necessária a (re)formulação. Esse deslize, possível pela abertura da língua, em seu aspecto lacunar, é compreendido pela relação entre o linguístico e o histórico, em que se manifestam a falha e a possibilidade de o sentido ser outro.

O embate de posições discursivas, que tem a ver com o embate de formações ideológicas, também expôs os discursos movimentados pelos memes em questão aos efeitos de unidade. A contradição que constitui os memes relacionados à página “Caneta desmanipuladora” se produz justamente na tensão entre o mesmo e o diferente, de modo que os memes também “caem”, em determinados momentos, no desejo/necessidade de conter a polissemia da língua, a mesma polissemia que permite aos sentidos dos discursos dos jornais serem também deslizados na própria materialidade em circulação dos memes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R.; MAURIÈS P. Escrita. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, v. 11, p.146-283, 1987.

CORACINI, M. J. Concepções de leitura na (pós) modernidade. In: R. C. LIMA (ed.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras, p. 15-44, 2005.

DAWKINGS, R. **O gene egoísta**. Trad. de Rejane Rubino. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

DIAS, C. Materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. **Línguas e instrumentos linguísticos**, v. 37, p. 157-175, 2016.

LAGAZZI, S. A equivocidade na circulação do conhecimento científico. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 11, n. 3, p. 497-514, 2011.

MARIANI, B. Discurso e instituição: a imprensa. **RUA**, v. 5, p. 47-61, 1999.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 1ª ed. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2ª ed., Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, v. 1, p. 35-47, 1995.

ORLANDI, E. P. Silêncios: Presença e Ausência. **Revista Comciência**, v. 10, n. 101, 2008b. Disponível em: <[http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?edição=38&id=456)

[edição=38&id=456](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?edição=38&id=456)>. Acesso em: 30/06/2018.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Cambridge: The MIT Press, 2013.

Submetido em: 10/09/2018

Aprovado em: 16/01/2020

#### **Como referenciar este artigo:**

LACERDA, Gustavo Haiden de. Memes e (re)formulação: afastamentos e aproximações discursivas. **revista Linguagem**, São Carlos, v.33, n.1, jan./jun. 2020 p. 81-99.